

Percepções de cursistas acerca da formação continuada na educação infantil ofertada pela EAPE/SEDF e seus processos de aprendizagem

Prof. Dr. Simão de Miranda

Professor da SEDF, Pós-Doutorando em Educação pelo PPGE/FE/UnB

simaodemiranda@globocom.com

Profa. Dra. Albertina Mitjans Martínez

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

amitjans49@gmail.com

RESUMO

O problema desta pesquisa é assim formulado: como as percepções de professoras da Educação Infantil em situação de formação continuada ofertada pela SEDF/EAPE, implicam-se na construção de suas aprendizagens? Objetiva analisar processos subjetivos em um grupo de professoras da SEDF em situação de formação continuada no sentido de discutir os possíveis impactos desta formação na sua vida profissional. Adota como metodologia a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1997, 2002, 2005, 2007) que compreende a pesquisa como um processo de comunicação dialógica, caracterizada essencialmente pelo caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. A construção das informações se deu com Estudos de Caso. Adotamos instrumentos abertos e semiabertos como entrevistas, completamento de frases, técnicas de explorações múltiplas, redações e dinâmicas conversacionais (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005). A relação do objeto da pesquisa com o eixo Formação Docente e o sub-eixo Aprendizagem Docente e Desenvolvimento Profissional é inequívoca, posto que o núcleo central deste estudo é formação continuada de professoras da rede pública do Distrito Federal, sobretudo no tocante às dimensões da aprendizagem em serviço e desenvolvimento profissional. A relevância deste estudo está em discutir em que medida os investimentos em formação continuada contribuem em favor de uma educação pública de desejada qualidade social e transformadora para nossos alunos, se não levamos em conta as percepções que as professoras-cursistas constroem acerca da formação, a partir dos elementos subjetivos que as constituem. É um estudo em andamento, mas resultados parciais já revelam que as formações devem pautar-se em um trabalho pedagógico criativo por parte dos formadores e ao favorecimento de aprendizagens criativas às cursistas, sustentadas em organização didática que contribua

para o desenvolvimento de aprendizagens criativas, que podem ser o diferencial para uma formação significativa que objetiva uma educação de qualidade social e que impacte desejadamente na sua prática.

Palavras-Chave: Subjetividade. Processos Psicológicos. Ensino-Aprendizagem. Formação Continuada de Professores.

PROBLEMA E OBJETIVOS

Como as percepções de professoras da Educação Infantil em situação de formação continuada ofertada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEDF/Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE implicam-se na construção de suas aprendizagens? O estudo, investigação de pós-doutorado¹ do primeiro autor e orientado pela segunda autora, tem como objetivo analisar processos subjetivos em um grupo de professoras da SEDF em situação de formação continuada no sentido de discutir os possíveis impactos desta formação no seu trabalho pedagógico.

QUADROS TEÓRICO, EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO

O quadro teórico situa-se na Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico-cultural de González Rey (1999, 2003, 2005) e na compreensão de ensino e aprendizagem de González Rey (2012) e Mitjans Martínez e González Rey (2012), os quais entendem aprendizagem enquanto produção subjetiva.

Adota como epistemologia a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1997, 2002, 2005, 2007) que compreende a pesquisa como um processo de comunicação dialógica, caracterizada essencialmente pelo caráter construtivo-interpretativo do conhecimento e pela legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico. A construção das informações se deu a partir de Estudos de Caso, entendendo que casos singulares são apropriados para o estudo do fenômeno e a análise da riqueza de sua complexidade. Foram observados os seguintes critérios para a seleção de quatro participantes para a íntegra do estudo: serem concursadas, que atuassem como docentes em turmas de Educação Infantil da rede pública de ensino do Distrito Federal a, pelo menos um ano, serem cursistas da formação continuada em Educação Infantil da SEDF/EAPE e que garantissem permanecer na Formação até o final da mesma, assim como nesta pesquisa até o seu final. Embora tenhamos anunciado

¹ Pós-Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

no título e resumo que analisaríamos mais de um caso, em virtude da limitação de espaço, apresentaremos um, cujo nome fictício da participante é Marta. Adotamos os seguintes instrumentos abertos e semiabertos para a construção das informações, em diferentes momentos ao longo do curso de formação, nesta ordem:

1. Ficha Perfil (além de colher dados pessoais, levantou três perguntas provocadoras: 1. O que a motivou a ser professora?; 2. O que a levou a atuar na Educação Infantil? 3. Quais expectativas têm do curso?) – aplicada no primeiro dia do curso;

2. Meu Diário (na forma de diário, cada página em branco indicava o dia corrente e continha o comando: “escreva ou represente qualquer coisa que tenha pensado ou sentido durante a aula de hoje”) - entregue às cursistas no primeiro dia e recolhido no último dia. Foram orientadas a levarem-no consigo a todas as aulas e que se expressassem nele livremente durante ou ao final da aula;

3. Completamento de Frases (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005) - (foram apresentadas provocações indutoras, na forma de começos de frases, para a participante completá-las. Exemplo: “As crianças...”) – aplicado no segundo dia do curso, depois de lidas pelo pesquisador, foram reapresentadas à participante para que relese suas declarações com a recomendação de que ficasse à vontade para acrescentar, enfatizar, retirar ou alterar o que quisesse;

4. Redação (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005) - cujo tema foi “Minha Profissão”, aplicado no segundo dia do curso;

5. Técnica de Explorações Múltiplas – T.E.M. (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005) - (foram apresentados comandos para que a participante se expressasse da forma mais ampla possível. Exemplo: “Expresse o mais detalhadamente possível as coisas que mais lhe agradam.”) – aplicado no terceiro dia do curso;

6. Conversação (GONZÁLEZ REY, 2002, 2005) – Diálogos recorrentes iniciados na segunda semana do curso, no local da Formação de modo informal e sem roteiro; e também na escola onde a professora trabalhava de modo formal, com roteiro e gravações em áudio. Cada nova conversa era alimentada por aspectos indicadores nascidos das conversas anteriores, assim como por suas expressões nos demais instrumentos, cuidando de criar um espaço dialógico espontâneo e afetivo. Tais conversações foram realizadas durante e depois do curso, este último momento na escola da professora.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A formação destinada às professoras que atuam na Educação Infantil no Distrito Federal, sob a responsabilidade da SEDF/EAPE ocorre semestralmente desde o ano de 2010, época em que este autor principal se integrou à equipe de formação. Desde então se questiona os possíveis impactos que esta formação provoca no trabalho pedagógico das professoras. Ao longo do segundo semestre de 2014, uma turma de 35 professoras da rede pública de educação do Distrito Federal, cursistas de formação continuada da SEDF/EAPE participaram o curso Educação Infantil: Repensando Saberes e Práticas. A Formação com carga horária de 60 h/a teve início no dia 14/08 e finalizou-se em 25/11/2014, com um encontro semanal, totalizando onze encontros, com a docência da professora cujo pseudônimo é Mirtes, do quadro de formadores da SEDF/EAPE na cidade e Taguatinga – DF, no turno matutino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme indicamos anteriormente, trazemos o Caso da professora cujo pseudônimo é Marta.

Caracterização da participante: 37 anos de idade, há 17 anos como professora concursada na SEDF e há 4 anos atuando na Educação Infantil. Atualmente está lotada no Centro de Educação Infantil da cidade de Águas Claras – DF como professora regente de turmas de Segundo Período, composta por crianças de Segundo Período, na faixa etária de cinco anos.

A seguir, suas percepções acerca da **Formação Continuada** na Educação Infantil ofertada pela SEDF/EAPE e seus **Processos de Aprendizagens** (suas concepções sobre aprendizagem e de seus processos de aprendizagem na Formação).

Com relação à Formação Continuada, a primeira oportunidade que Marta tem para se comunicar com esta pesquisa expressa suas expectativas quanto ao curso na Ficha Perfil. Expressa confiança e otimismo de que a Formação fortaleça certas concepções e desconstrua outras:

“Espero que esta formação fortaleça concepções, promova a quebra e a reestruturação pedagógicas por meio de troca de experiências e de aprendizados”.

Vale lembrar que a Ficha Perfil foi construída em papel formato A4, contendo as três perguntas já referidas, e sua frente e verso estavam disponíveis para a ação da respondente, sem limitação de tempo. Portanto, havia espaço e tempo disponíveis para que ela explicasse melhor quais concepções ela quer fortalecer e as que ela quer ver

rompidas. Por que não o fez? Teria sido um posicionamento voluntário pelo possível temor de não expor suas adesões em termos de concepções, julgando estar sendo avaliada pelo pesquisador, também professor formador do quadro da SEDF/EAPE? Para corroborar esta hipótese, retomamos estas questões outra conversação na qual lhe foi solicitada a esclarecer-se e se posicionar se houve algum motivo que a levou a não registrar na Ficha e ela expôs o que transcrevemos logo abaixo. Notemos que a segunda parte da pergunta não foi abordada por ela, ou seja, porque não abordou a questão na Ficha. Entretanto, inferimos tratar-se apenas de indisposição para fazê-la naquele momento, uma vez que sua expressão no comentário solicitado nos parece bastante segura:

“- Em cada etapa da minha formação pude observar que o enfoque estava em um dos elementos do processo de educação, ora no professor como centro ou detentor do saber, ora na criança, como indivíduo que tem conhecimentos a serem considerados no processo. Então essas mudanças impactam diretamente em nossa prática”.

Logo neste primeiro momento ela já nos fala também do desejo de troca de experiências, apontando para algo que vai insistir recorrentemente por meio de quase todos os instrumentos: uma formação mais pautada na ação, no fazer, sem descartar as fundamentações teóricas. Nas observações que fizemos das aulas Marta recorrentemente acrescentava outros autores, citava conteúdos de outros cursos dos quais participou.

No Meu Diário há uma anotação relacionada ao tema Formação Continuada. Ela assim anota:

“18 de novembro de 2014: Estamos agora no penúltimo encontro de um curso muito provocador, sistematizador dos conhecimentos propostos e desejo que façamos parte disso.”

Marta nos aponta para uma percepção de Formação organizadora de saberes, integradora e mobilizadora, que provoque uma aprendizagem produtiva, coadunando-se com a perspectiva do sujeito que aprende, conforme vaticina Mitjans Martínez (2012) por meio desta ideia pretende-se “legitimar o caráter participativo e ativo da pessoa que aprende e que resiste ao processo de massificação ainda hoje dominante na instituição educativa” (p.39). Como já referido anteriormente, nas observações das aulas Marta efetivamente “fez parte” da Formação, posicionando provocativa e interventivamente.

Na Redação, cujo tema foi Minha Profissão, ela revela:

“Percebo que em alguns momentos, minha prática não é alimentada pelos estudos que faço, mas sim pelo como fui educada, ensinada, mesmo não sendo a última opção a forma mais adequada”.

Será que, para Marta, a formação é compreendida como algo externo à sua prática, indicando uma possível compreensão da prática como dissociada da teoria? “Inicialmente, a entendemos incongruente com a defesa que faz da formação na Ficha Perfil, onde sinaliza para uma formação fortalecedora de concepções e ruptora de outras, onde haja troca de experiências e de aprendizados”, por isso levamos esta questão de volta para ela com a intenção de aprofundar significados, para que falasse mais sobre estes tais “momentos” em que seus estudos não subsidiam sua prática, restando a ela apropriar-se dos modelos da educação que teve como aluna ao longo da sua vida escolar. Assim, em outra conversação ela acrescenta:

“- São momentos em que me vejo vencida pela maioria no planejamento coletivo, onde escolhemos o que será trabalhado e os instrumentos que usaremos, em situações que nos faltam materiais ou espaços adequados à prática mais eficaz. A forma como fui sendo forjada pelas práticas de meus formadores, que não condizem com os estudos e concepções atuais.”

A emocionalidade contida na sua expressão nos leva a inferir que suas frustrações apontadas duelam com sua posição ativa, crítica e reflexiva que percebemos nela, alternando “vencedores”. Por outro lado, o otimismo embutido em outras falas suas dão pistas de que estes “momentos” aos quais se refere, integram naturalmente a dialética dos processos de ensino-aprendizagem, assim como da vida.

Nas conversações com Marta ela mostra-se sempre muito enfática e se posiciona sempre muito assertivamente quanto ao tema Formação Continuada, sinalizando positividade:

“Eu quero saber de tudo, fiz muitos cursos na UnB, na EAPE. Não consigo ficar sem fazer a formação. A formação coloca a gente de volta no eixo, prepara para o turbilhão de coisas que acontece na escola, na formação eu consigo saber o que acontece na rede como um todo. Formação pra mim é isso, um momento em que eu não fico só meu mundinho, eu saio, eu volto, retorno a rede. Na educação infantil, por exemplo, é um lugar que a gente se preocupa mais com o cuidar e se perde do pedagógico, então a formação vai voltando a gente pro lugar...” Aqui, reforça o indicador da formação como “fora”, “externa” à prática ou indica também que ela

compreenda a formação como essencial à reflexão, a um fazer mais consciente? Ou os dois?

De fato, ouvindo várias vezes sua história profissional, ela é frequentadora contumaz de cursos de formação, tanto na EAPE, quanto em outros lugares. Podemos afirmar que ela se faz sujeito de sua aprendizagem, porque busca esses processos de formação de forma intencional, consciente. Portanto nos parece que tem propriedade para afirmar que a Formação “prepara para o turbilhão de coisas que acontece na escola”, que na Formação ela consegue “saber o que acontece na rede”, que é um momento em que ela não fica “só no seu mundinho”, que a Formação “vai voltando a gente pro lugar”. Aqui, entretanto, nos perguntamos: que “mundinho” é esse? Que produções simbólico-emocionais podem estar presentes nesta expressão? O tom da sua voz nos produz uma representação carinhosa da expressão utilizada. Para estar atualizada com o que acontece na rede, disse-nos na nossa quarta conversação que:

“A formação, seja qual for o tema, têm que dar ao cursista um panorama do que acontece na rede. Por exemplo, este ano foi a implantação do novo currículo e todas as formações perpassaram por este assunto. Foi assim também com as novas Diretrizes de Avaliação, que esta formação que estou fazendo reservou um encontro só pra isso”.

Pareceu-nos que a Formação para ela tem a função de informar, atualizar, subsidiar a prática. Mas sempre passa-nos a impressão de um movimento de “fora” para “dentro”. Teoria e prática, dissociadas. Por fim, sua colocação de que “na Educação Infantil a gente se preocupa mais com o cuidar e se perde do pedagógico, então a formação vai voltando a gente pro lugar” tem um valor heurístico importante. Reitera uma concepção muito forte nela, o de que a formação continuada não pode abrir mão do seu viés teórico, pois é este que fundamentará a prática das cursistas.

Percebe-se que Marta apresenta um nível de elaboração pessoal muito bom, sempre faz reflexões próprias e se posiciona com leveza e tranquilidade, de forma direta, sem rodeios e sempre encadeando de forma lógica seu pensamento. Inferimos que as várias e seguidas formações das quais participa contribuiu para este conjunto de saberes que ela demonstra possuir.

Em outro momento de conversação Marta nos dá pistas de uma possível incoerência no seu posicionamento, que mais adiante é esclarecido:

“Eu estava fazendo uma formação na área de alfabetização, aproveito muito dessa minha formação que é o que eu sou hoje como professora, mas me dediquei pouco no conhecimento da educação infantil, então como tem muita coisa pra conhecer

você acaba priorizando, então na minha carreira toda eu priorizei a alfabetização, agora eu tô utilizando aquele conhecimento, as leituras, tudo da alfabetização. Mas aí eu descobri que pouco sei da educação infantil... Então eu queria isso, focar.” Mais uma vez aqui ela coloca a necessidade de saber mais acerca a educação infantil. Por quê? De onde vem essa exigência que ela coloca? Em falas anteriores nos dá pistas quando se refere à necessidade de ir além do cuidar, a importância que começa a estabelecer à relação teoria e prática.

Veja que ela, embora atue há quatro anos na Educação Infantil, aponta para uma identidade profissional de alfabetizadora, ramo de atuação anterior (sete anos como alfabetizadora). Atua na Educação Infantil há quatro anos e fez três cursos na área da alfabetização entre 2010 e 2011. Lamenta ter se dedicado pouco na Educação Infantil, pois priorizou a alfabetização. Ao dizer que utiliza os conhecimentos da alfabetização na educação infantil, ante nossa pergunta sobre como ela o faz, responde:

“- Na forma como organizo a rotina, momentos que intercalo ensino dos códigos (números, letras, etc) para as crianças, no letramento: contato com a leitura e escrita todos os dias, importância do nome e sobrenome, várias formas de letras, cartazes com letras das músicas que cantamos, às atividades próprias da educação infantil”.

Consultando um planejamento seu, constatamos a interrelação à qual ela se refere, a qual nos parece produtiva para os alunos.

Atualmente para preencher esta lacuna de conhecimento na educação infantil, decidi focar na formação voltada à esta Etapa. Entendemos como uma percepção importante: não dispersar o foco da linha de formação, pois uma formação encadeia-se à outra, enriquecendo-se, tornando o conhecimento mais sólido e mais significativo.

Na nossa última etapa de conversação, em resposta à indagação do pesquisador acerca do que ela aprendeu no curso, responde muito prontamente, com voz firme:

“Muitas coisas... Pra mim foi um aprofundamento, eu já conhecia os autores, quando vejo uma coisa interessante no curso eu já pesquiso, se a Mirtes (pseudônimo para a formadora) fala de um autor, eu já quero saber quem é esse cara, me sinto muito mal quando falam de alguém que eu não conheço. O curso dá muito isso pra gente, a visão da rede, a didática da Mirtes, a forma como ela conduziu.” Nas observações dos encontros do curso percebemos que ela realmente participa das aulas com contribuições efetivas. Pode ser indicador de vontade de aprender mais, de motivação para a realização do curso. Há aqui um indicador do caráter ativo da professora enquanto sujeito que aprende, nas palavras de Martínez Mitjás (2009), o “exercício da condição

de sujeito no processo de aprender” (p. 264), assim como da atuação da professora formadora Mirtes, enquanto facilitadora que demonstra que, conforme González Rey (2008), “sem a conquista do interesse do aluno a aprendizagem nunca poderá transcender seu caráter passivo-reprodutivo” (p. 77).

Perguntada sobre o que considerava como conteúdo mais importante proposto pelo curso, ela assim se posicionou:

“Tudo ali foi muito importante, eu sempre participei de formação na SEDF, eu vejo que a SEDF tem um currículo, tem uma concepção e o professor trabalha com outra concepção, outro dia na Coletiva (Coordenação Coletiva que ocorre semanalmente na escola) ocorreu o seguinte: a gente tem um projeto “Eu e o Mundo”. Eu disse: ‘vamos falar de mundo pra criança’, aí um colega disse: ‘a gente tem que levar em consideração que o mundo da criança é menor que o mundo do adulto’. Nessa colocação do colega, e com algumas concordâncias, você tem a ideia de qual concepção o colega fala, aí fica difícil você falar de concepção de trabalho, se você tá caminhando pra um lado e o colega pra outro. Por isso que eu falo da importância da formação do gestor e do coordenador, pois o coordenador pode se deixar levar por uma concepção e toda a documentação aponta outro rumo, né? Acho que a concepção no curso foi muito forte, esclarecedora... No curso perguntou-se: ‘com qual concepção de desenvolvimento você se identifica’, a pessoa vai lá e diz ‘sociointeracionista’, mas na sua sala de aula ela atua com outra e não percebe isso.”

A extensão e a emocionalidade desta frase talvez seja um indicador de um aspecto subjetivo calcado na sua adesão às concepções teóricas do Currículo da rede, as quais a Formação tem que fazer-se claramente perpassada por elas e que o fato da não adesão dos professores à Formação coloca todo um alinhamento teórico-conceitual em risco. Ela repete, com voz enfática, sete vezes a palavra “concepção” nesta fala, reiterando os indícios da importância que este aspecto tem para ela.

Processos de Aprendizagens:

Este bloco visa apresentar suas concepções sobre aprendizagem e de seus processos de aprendizagem na Formação.

No Meu Diário na página relativa ao primeiro dia do curso há o seguinte registro:

“26 de agosto de 2014: Hoje estou muito ansiosa, isso me deixa muito incomodada com o tempo que fico parada ou sentada, parece que não estou fazendo nada, pensando no que tenho que fazer na escola.”

Ela já aponta aqui a necessidade de um fazer prático, de atividade, de movimento e que a incomoda ficar parada ou sentada, pois tem a sensação de que não está produzindo. O aspecto subjetivo da aprendizagem enquanto “fazer”, “atividade”, “prática”, “movimento” é forte em Marta.

Na sua página do Diário, de 04 de novembro de 2014, página 10 das 14 integrantes do instrumento, há novamente um registro onde tais aspectos são tônicas nas suas declarações:

“04 de novembro de 2014: Encontro de Diversidade na EAPE, bonecas Abayomi, muito bom!”

Aqui ela se refere a uma aula na qual se confeccionou bonecas africanas. Embora não diga textualmente, nos comunica este momento de “fazer”, de “atividade”, de “prática”, de “movimento” têm valor significativo para ela. Tais elementos são reforçados pela ansiedade que ela revela possuir. Além do registro no Meu Diário de 26 de agosto já referido acima, “hoje estou muito ansiosa”, há outro registro na página do dia 02 de setembro de 2014:

“02 de setembro de 2014: (...) Vou sentar mais atrás para diminuir minha ansiedade ou pelo menos tentar.”

Temos exemplos também no Completamento de Frases no qual ela faz duas referências:

“Meu maior problema *é a ansiedade*”.

“Eu *me inquieto facilmente*”.

Vale ressaltar que nestes dois instrumentos citados, suas expressões sobre ansiedade foram espontâneas, como se ele sentisse necessidade em comunicar este seu estado. Todavia, em uma das últimas conversações, já tendo este pesquisador indagado-se sobre os significados destas recorrências, foi estabelecido o seguinte diálogo:

“- Você fala muito de ansiedade...

- Sou uma pessoa ansiosa e gosto de planejar com muita antecedência. Por exemplo, em julho eu já tenho uma página no meu caderno pro ano seguinte, sou um tipo de pessoa que compra a agenda do ano que vem em agosto, quando geralmente lançam. Mas é pelo planejamento... Com isso tudo melhora”.

Ela reafirma-se ansiosa, mas atribui esta característica à previsão e antecipação de acontecimentos que costuma fazer. Entendamos que adquirir a agenda do ano vindouro ainda na metade do ano corrente pode indicar aspectos subjetivos importantes que podem implicar nas suas percepções do universo da escola e do trabalho pedagógico. Mais que ansiedade, nos parece aflição.

Nossas hipóteses acerca desta ansiedade aguda de Marta são duas, não excludentes entre si: o espírito notadamente dinâmico que a configura como professora (vide suas percepções de aprendizagem enquanto “fazer”, “atividade”, “prática”, “movimento”) e, por isso, a ansiedade em ver logo os resultados se manifestarem; ou o grave adoecimento docente que ela nos revela reiteradamente por meio de quase todos os instrumentos e momentos da nossa convivência e estudo. Veja exemplos deste segundo aspecto:

Na Redação “Minha Profissão” ela dá a primeira pista no terceiro parágrafo:

“Gostaria que a minha profissão fosse mais valorizada, não como dom ou coisa assim, mas levando em consideração sua importância para a sociedade, meu empenho em exercê-la, minha formação (tempo investido para isso) e de não adoecer em função das atividades que realizo.”

A propósito, neste instrumento, de excelente nível de elaboração pessoal, o negativo aparece com mais força que o positivo. Além da referência ao seu adoecimento, demonstra também insatisfação com a profissão. Aspectos que podem estar implicados um no outro.

No oitavo Encontro do curso ela anota no Diário a necessidade de que a Formação leve novidades:

“21 de outubro de 2014: ludicidade é o foco de todas as formações recentes na SEDF. Este momento foi diferenciado, pois não foi repetição de coisas já conhecidas”. A concepção da aprendizagem enquanto processo que comunica o novo é uma percepção de extremo valor neste estudo, pois se alinha à ideia de uma desejável aprendizagem criativa, no bojo da criatividade no trabalho pedagógico conforme defendida por Martínez Mitjans (2008) como “formas de realização deste que representam algum tipo de novidade e que resultam valiosas de alguma forma para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos” (p. 70).

Nesta Conversação, reproduzida a seguir, ela nos fala da necessidade da demonstração de consistente apropriação dos conteúdos por parte do/a formador/a:

“Se eu percebo que a pessoa sabe do que está falando, o professor já me conquista. Eu brinco dizendo que gosto de aprender com quem sabe. Claro que a gente aprende com o colega, mas aquela pessoa que está ali na minha frente propondo, ela tem que saber. Por isso que eu acho tão difícil a formação no *locus* de trabalho, o Coordenador tem que estudar muito o material e ele tá no mesmo nível do colega. Eu já passei por esse papel de coordenadora e acho muito difícil.”

Nesta sua percepção ela parece se referir ao professor formador enquanto aquele sujeito detentor dos saberes que, na relação com os aprendizes, gera o conhecimento. Retomamos tal questão com Marta e perguntamos se ela estaria fazendo alusão a processos passivos de aprendizagens, nos quais há alguém que “transmite” o que sabe a quem não sabe. Ela imediatamente rejeitou esta inferência, acrescentando:

“Não se trata disso. Não acredito na transmissão de um conhecimento para que outro o assimile. Falo da importância do professor formador ter domínio do conteúdo para que possa estabelecer discussões ricas, pautadas em referenciais teóricos consistentes e não ficar só no senso comum.”

Ela nos fornece na fala acima indicadores de que percebe o caráter produtivo do conhecimento, negando a simples apropriação dos conteúdos apresentados pelo professor.

Refere-se também sobre seus estilos de aprendizagens, que consiste no posicionamento ativo, enquanto sujeito que aprende, que não espera o conhecimento pronto e acabado ser “transmitido” até ela:

“Tudo o que ela (a professora Mirtes, do curso de Formação) vai falando eu anoto: pesquisar isso, pesquisar aquilo, estudar isso. Eu fico incomodada quando a pessoa está falando e não entendo nada daquilo... Gosto de saber de tudo... Estudo muito em casa, pesquiso muito na internet, para ter condições de discutir em outro momento e também ver o que isso tem a ver comigo e com minha prática. Gosto muito também quando ela nos incentiva a tomarmos posições nas discussões e até mesmo percebermos possíveis incoerências”.

Nesta fala ela, embora inicialmente nos forneça indicadores de um estilo de aprendizagem apenas compreensiva, sinaliza para uma aprendizagem possivelmente criativa ao ressaltar a personalização da informação que obtém, ao dizer que busca perceber os significados que esta tem para ela. Atestamos o que ela diz, ao associarmos sua fala com observações que fizemos na Formação, conforme já nos referimos. A propósito, Mitjans Martínez (2012) aponta que “o conceito de informação personalizada

indica a informação que, pela significação que tem para o aprendiz e pela forma como se relaciona com ela torna-se um recurso subjetivo (p.96-97).” Quando se refere ao incentivo da professora formadora para que as cursistas assumam posições e estado de alerta para eventuais incongruências nas discussões, aponta para uma percepção de aprendizagem enquanto produção de sentidos, conforme leciona González Rey (2003) ao se referir à aprendizagem como processo de sentido: “(...) enfatiza el lugar do sujeto que aprende, su proceso activo como produtor de pensamento, y el carácter singular del aprendizaje” (p. 83), e não simplesmente concordar de forma plácida com o que está classicamente posto. Este é um posicionamento que favorece a ruptura com uma aprendizagem reprodutiva, favorecendo o processo produtivo no qual Marta, enquanto sujeito, está implicada.

CONCLUSÕES

Embora sendo este um estudo em andamento, já reunimos algumas contribuições importantes para os planejamentos das Formações Continuidas para professores, sobretudo para professoras que atuam na Educação Infantil cursistas das Formações ofertadas pela SEDF/EAPE, objeto deste estudo. É imprescindível às políticas públicas voltadas à Formação Continuada considerar as percepções do seu público-alvo acerca das Formações, para as direcionarem efetivamente às suas expectativas legitimadas por suas práticas. O modo como Marta significa a Formação aponta para diversos aspectos sensíveis que dizem respeito à forma e a intencionalidade de como são planejadas e conduzidas: que difundam e fortaleçam as concepções teóricas, metodológicas, ideológicas, axiológicas e epistemológicas aderidas pela rede; que possibilitem a troca de experiências entre as cursistas de uma forma prática, pedagógica, teoricamente fundamentadas; que alimente a curiosidade e o desejo de saber; que efetivamente prepare-as para o dia-a-dia na escola, ou seja, que proponha saberes de fato significativos para seus contextos; que atualize-as do que acontece na rede, ampliando seu mundo desde a escola ao universo do sistema; que ajude as cursistas a vincularem teoria com prática; que as Formações encadeiem-se umas às outras, dando sentido de continuidade, que provoquem o caráter ativo das cursistas, instigando a tomarem posições, a indagarem e, a discordarem; que os formadores busquem conquistar o interesse das cursistas; que contemple-se na mesma Formação a equipe gestora da escola; que as Formações sejam organizadas em carga horária mais extensas; o incentivo à produção de conhecimento via exercício da consciência crítica das cursistas.

Suas percepções dos Processos de Aprendizagens apontam para um fazer sustentado na ação, na atividade; que apresente novidades, apontando para uma aprendizagem criativa; que favoreça mudanças; que o formador efetivamente tenha apropriado cabedal de conhecimentos dos conteúdos que leciona, assim como habilidades didáticas convenientes e convincentes para contribuir com discussões mais ricas e consistentes, apontando para o caráter produtivo do conhecimento; a habilidade e motivação do formador para instigar as cursistas a tomada de posições, sinalizando para um aprendizagem criativa e a personalização da informação. A urgência de um Trabalho Pedagógico Criativo por parte dos formadores e ao favorecimento de aprendizagens criativas às cursistas, sustentadas em organização didática que contribua para o desenvolvimento de aprendizagens criativas, que podem favorecer uma educação de qualidade social e efetivamente transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. El Aprendizaje en el Enfoque Histórico-Cultural: Sentido y Aprendizaje. In: TIBALLI, E. F. A. & CHAVES, S. M. (Orgs.). **Concepções e Práticas em Formação de Professores: Diferentes Olhares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. O Sujeito que Aprende: Desafios do Desenvolvimento do Tema da Aprendizagem na Psicologia e na Prática Pedagógica. In: TACCA, M. C. V. R. (Org). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico.** Campinas: Alínea, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. L. A Configuração Subjetiva dos Processos Psíquicos: Avançando na Compreensão da Aprendizagem como Produção Subjetiva. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco.** Brasília: Liber Livro, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, Personalidade e Educação.** Campinas: Papyrus, 1997.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem: uma relação necessária? In: TACCA, M. C. V. R. (Org.) **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico.** Campinas: Alínea, 2008.

MITJÁNS MARTÍNEZ. Aprendizagem Criativa: uma Aprendizagem Diferente. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco.** Brasília: Liber Livro, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Aprendizagem Criativa: Desafios para a Prática Pedagógica. In: NUNES, Cláudio Pinto. (Org.). **Didática e formação de professores**. Ijuí: Unijuí, 2012.